

Nova visão permite juro menor

Mônica Izaguirre
De Brasília

O recuo do prêmio de risco exigido pelos investidores para aplicar em papéis brasileiros de dívida "é um reconhecimento do mercado internacional de que a política econômica no Brasil caminha na direção correta", disse ontem o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. Completamente à vontade em sua primeira prestação de contas à Comissão Mista de Orçamento do Congresso, Meirelles disse que, a médio ou longo prazo, a melhora do risco Brasil permitirá ao país reduzir a sua taxa real interna de juros.

Em breve entrevista ao final do depoimento, no entanto, ele fez um alerta. Diante das incertezas sobre os efeitos da invasão anglo-americana no Iraque, "o momento é de ficar atento e não de comemorar". Com a guerra, "não podemos prever a evolução dos mercados mundiais", ponderou. Assim, defendeu, o que o Brasil precisa "continuar fazendo o seu dever de casa".

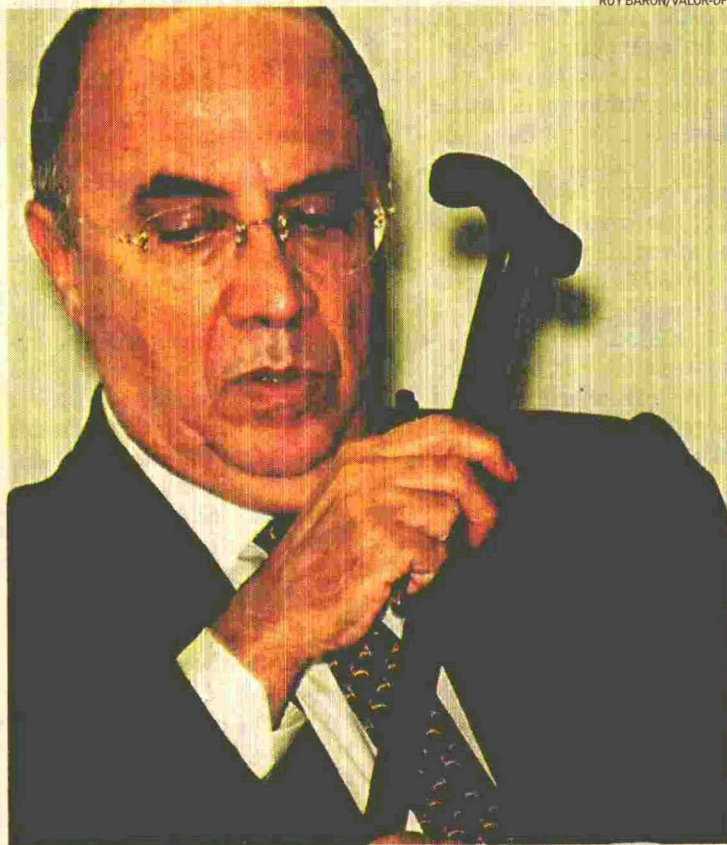
Na avaliação de Meirelles, os fatores que explicam a "consistente" queda do risco-país são os mesmos que vêm sendo reforçados pelo atual governo desde a sua posse, em janeiro: política fiscal austera, política monetária comprometida com a queda da inflação e o empenho em fazer reformas estruturais conside-

radas importantes, em especial a tributária e a da Previdência.

Para que o risco continue cedendo, defendeu, é preciso seguir firme no caminho traçado. Isso significa, no seu entendimento, fazer as reformas que darão sustentabilidade, ao longo do tempo, ao superávit primário das contas públicas e à política monetária. "Temos de estar com os fundamentos macroeconômicos em ordem para podermos enfrentar situações mais ou menos favoráveis", afirmou.

Desde que a Lei de Responsabilidade Fiscal entrou em vigor, em 2000, o presidente do BC é obrigado a ir pelo menos uma vez por semestre ao Congresso, falar à Comissão de Orçamento e outras comissões da Câmara e do Senado a respeito dos impactos fiscais das políticas monetária e cambial. Foi a primeira vez que isso aconteceu na gestão de Meirelles. E a estréia foi tranqüila. Diferente do antecessor Armínio Fraga — por diversas vezes atacado pela oposição ao então governo Fernando Henrique —, o novo presidente do BC foi bem recebido pelos novos opositores, em especial pelo PSDB, partido ao qual já pertenceu.

Vários parlamentares do PSDB e PFL usaram suas intervenções para alfinetar o PT e tentar fazer com que Meirelles admitisse que a atual política econômica nada mais é do que a continuidade da política que vinha sendo implementada no go-



Meirelles, do BC: mercado reconhece que economia está na direção correta

verno anterior. Sem ferir nem PT nem PSDB, Meirelles saiu-se bem de todos os questionamentos.

Inicialmente, ele resistiu em emitir opinião a respeito do debate sobre a autonomia do Banco Central. Mas, por insistência dos parlamentares, acabou defendendo abertamente que a institucionalização da autonomia operacional só vai contribuir para reduzir

ainda mais o risco-país, ajudado a abrir caminho para a redução dos juros a médio e longo prazos. As experiências de outros países, disse ele, mostram que com a autonomia o BC ganha mais credibilidade dos agentes econômicos e suas ações são mais eficazes. A inflação diminui, os juros também caem e as taxas de crescimento melhoram, acrescentou.